



A formação do educador de museu A experiência da Pinacoteca do Estado

Mila Milene Chiovatto

Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa da
Pinacoteca do Estado de São Paulo

Resumo

Apresentaremos aspectos do processo de formação de educadores do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil.

Este centenário museu de arte brasileira dos séculos XIX a XXI, apresenta também repleta agenda de exposições temporárias nacionais e internacionais.

O Núcleo coordena equipes de educadores que atuam em exposições temporárias; na de longa duração de obras do acervo e realiza programas para diferentes perfis de público, entre eles o *Programa Educativo Públicos Especiais* e o *Programa de Inclusão Sociocultural*.

Os processos de formação dos educadores combinam a preparação para atuar nas especificidades de cada programa, buscando equilíbrio com uma formação mais abrangente de educação em arte, cultura e patrimônio.

Esta comunicação apresenta algumas ações desenvolvidas no processo de formação de educadores do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil.

Este centenário museu de artes visuais tem seu acervo voltado à arte brasileira dos séculos XIX a XXI, além de repleta agenda de exposições temporárias nacionais e internacionais de diferentes momentos e estilos artísticos.



O Núcleo de Ação Educativa, implantado a partir de 2002, realiza programas em resposta a diferentes perfis de público, entre eles o *Programa Educativo Públicos Especiais*, que por meio de recursos multissensoriais e lúdicos procura tornar a fruição da arte acessível a públicos com necessidades físicas, mentais e sensoriais; o *Programa de Inclusão Sociocultural* que busca promover o acesso qualificado aos bens culturais a grupos em situação de vulnerabilidade social, com pouco ou nenhum contato com instituições oficiais da cultura, como museus e o *Programa de Consciência Funcional* que busca qualificar de maneira constante os profissionais do museu que trabalham diretamente com o público, formando-os para sua função de atendimento público, num espaço de lazer, conhecimento e preservação. Além destes programas, encontram-se sob a coordenação deste Núcleo equipes de educadores que atuam em exposições temporárias e a equipe de educadores que atua na mostra de longa duração de obras do acervo.

Antes de tudo é necessário esclarecer que a função de educador na Pinacoteca é assumida apenas por profissionais formados e contratados. A ressalva é válida, uma que no Brasil infelizmente ainda é comum a função de educador em museus ser entendida como atividade temporária e/ou preparatória para outras funções, sendo muitas vezes desempenhada por estagiários.

Também a título de esclarecimento acerca das peculiaridades do Brasil em relação a este tema, devemos ressaltar que não existem cursos específicos de graduação universitária para educadores de museus, e nas formações acadêmicas de Licenciatura em Artes apenas atualmente começam a ser incorporadas disciplinas que tratem especificamente da mediação em museus ou abrem possibilidade de estágios nessa área. Algumas Universidades e instituições museais propuseram, em alguns momentos, cursos de especialização de reconhecida relevância nesta área, mas a maior parte deles não logrou permanência.

Este panorama, contra o qual os profissionais sérios e competentes das instituições brasileiras lutam, é difícil de ser rompido, uma vez que para o precário sistema econômico que



suporta a maior parte das instituições culturais, a utilização da mão-de-obra barata dos estagiários parece ser uma saída conveniente para solucionar a necessidade de desenvolver ações educativas, de receber importantes quantidades de público e, muitas vezes, de agradar patrocinadores.

É em virtude desses fatos que instituições e profissionais de museu acabaram por assumir para si o papel que seria das academias em formar o profissional qualificado de educação em museus. Este preâmbulo contextualiza os processos de formação dos educadores que desenvolvemos no Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado, a fim de combinar a preparação para a mediação nas especificidades de cada uma das distintas atuações realizadas em nossos programas, buscando equilibrá-las com a formação mais abrangente de educação em arte, cultura e patrimônio.

Desde o processo de seleção de currículos, existe uma preocupação das coordenações dos diferentes programas em avaliar e equilibrar aspectos da formação acadêmica com os de desempenho profissional prévio e interesse específico. Nesta etapa é exigida formação em artes, com preferência para licenciatura, ou em áreas correlatas (como arquitetura, história, pedagogia etc), além de alguma experiência profissional em instituições ou ações educativas de reconhecida qualidade.

A partir desta primeira seleção, procedemos a uma série de entrevistas compostas de questões específicas acerca das habilidades e expectativas de trabalho (se o entrevistado têm habilidades, experiências e interesse em trabalhar diretamente com moradores de rua, por exemplo). Além disso, pergunta-se acerca dos interesses em trabalhar com educação e na Pinacoteca. Ainda nesta etapa procedemos a uma dinâmica de leitura de imagens, sem a finalidade de aferir conhecimentos específicos sobre arte, mas sim aferir articulação de pensamento acerca da imagem, postura frente aos companheiros e opções de abordagens educacionais.



Durante estes processos são tomadas fotos dos participantes das entrevistas para melhor associação entre nome, respostas e identidade. Todas as respostas são avaliadas em conjunto pela equipe de coordenação e educadores do museu na deliberação para a contratação.

A partir de selecionados os profissionais, se inicia então o processo de formação interna com recursos para a formação geral e para a específica voltada para os diversos programas desenvolvidos.

Para a formação geral, elaboramos uma apostila com textos referenciais de educação (incluindo textos de nossa fundamentação teórica), história (incluindo histórico de construção dos edifícios da Pinacoteca, constituição do acervo e biografias de artistas referenciais do acervo) e arte (discutindo conceitos da arte e das propostas curatoriais e museológicas), conteúdos reforçados pela indicação de leitura dos materiais educacionais por nós publicados.

Somado a isso, realizamos encontros e aulas com as coordenações do Núcleo, dos programas e orientações para discussão dos textos selecionados.

Também são realizados para a formação geral encontros com curadores de exposições temporárias em desenvolvimento no museu, a fim de estabelecer diálogos com o acervo e ampliar as áreas de atuação dos educadores.

É criado um cronograma de formação que inclui o acompanhamento de visitas dos educadores do museu, e também promovemos, nas primeiras atividades dos educadores recém formados, acompanhamentos de visitas por educadores mais experientes, para avaliação e diálogo com base na observação dos processos desenvolvidos.

Salientamos que após a formação teórica e prática anterior ao desempenho da função, a formação do educador continua, período no qual são incentivados e discutidos processos de elaboração de recursos de apoio as visitas educativas e pesquisas temáticas, além da



sistematização de reuniões de acompanhamento com discussões e reflexões sobre a prática e a teoria trabalhada.

A formação específica para cada um dos programas que desenvolvemos utiliza sistemas complementares aos descritos anteriormente. São selecionados textos específicos e estimulada a leitura das publicações que realizamos em cada programa; estabelecemos uma rotina de acompanhamento de visitas educativas específicas já em andamento para observação dos sistemas e métodos que utilizamos; encontros com a coordenação específica do programa e participação nas reuniões internas, contribuindo para a construção conceitual das ações a serem desenvolvidas. Também oferecemos condições para participar dos cursos de formação de profissionais externos que cada programa desenvolve segundo suas especificidades.

O período de formação do educador varia com a atividade que ele irá desempenhar tanto quanto a estrutura construída para o adensamento das reflexões em termos de conteúdo e processos educativos que elaboramos para aqueles que ingressam nessa atividade no museu.

A título de exemplo, apresentaremos a seguir o processo de formação de uma educadora surda para realizar visitas com grupos de surdos em visita ao museu, utilizando, entre outros recursos a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

O *Programa Educativo Públicos Especiais* tinha a intenção de ampliar e especializar sua atuação educativa junto a grupos de surdos. Para isso, contando com a parceria da SEPED - Secretaria Especial da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Restrita e do Itaucultural, nos comprometemos a participar da formação de uma educadora surda para os atendimentos a este público alvo. Embora formada em artes, faltava à educadora a formação em educação em museus, além de vocabulário específico para o exercício da função.



Esta experiência de formação foi extremamente intensa visto que foi necessário que a equipe do *Programa Educativo Públicos Especiais* transformasse seu ritmo de trabalho para gerar um ambiente de formação de linguagem adaptada, uma vez que antes mesmo de se desenvolver um possível roteiro de visita em LIBRAS foi necessário adaptar a compreensão de termos e conteúdos entre a equipe e a educadora em formação, estabelecendo novos processos lingüísticos. Este processo demorou cerca de 6 meses e teve que interrelacionar linguagem escrita, LIBRAS e imagens para o desenvolvimento desta “nova linguagem”.

Apenas depois deste processo foi possível focar esforços na construção de percursos educativos para mediação em libras.

Foram selecionadas cerca de 3 esculturas e diferentes percursos nas galerias de pintura, para os quais foram adaptadas atividades com fichas contendo palavras e perguntas que pudessem estimular o público surdo a descobrir características sobre as obras.

Para exemplificar estes procedimentos descreveremos sucintamente o processo vivenciado para mediação em LIBRAS na escultura *Leda e o cisne*, de Lélío Colluccini.

A aproximação do público surdo a esta obra se iniciava com uma descrição contextual com informações sobre a lenda mitológica e sobre estes personagens, com frases curtas e palavras de significação objetiva. Depois foram formuladas perguntas básicas para que o grupo pudesse aprofundar a percepção formal da escultura e aprofundasse alguns aspectos interpretativos sobre a obra.

O maior desafio deste processo foi adequar as palavras tanto descritivas quanto utilizadas na formulação das perguntas a um léxico comum, garantindo, porém a inteligibilidade e profundidade dos processos educacionais. A palavra cisne, por exemplo, fundamental para a compreensão da obra, não é uma palavra habitual na Linguagem Brasileira dos Sinais, sendo necessária a aglutinação da palavra pato à pescoço longo e a soma de imagens ilustrativas para que o sentido fosse resguardado, além do resgate da



contextualização deste animal em histórias que fazem parte do imaginário dos participantes, notadamente histórias de fadas.

Acreditamos que é esse extremo cuidado na preparação dos educadores do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado, que contribui para a garantia da densidade dos processos educacionais que desenvolvemos.